

Vivência Afetivo-Sexual: Duplo Padrão Sexual

Ana Frias

Professora da Escola Superior de Enfermagem S. João de Deus-Universidade de Évora,
Doutora em Psicologia, Mestre em Ecologia Humana, Enfermeira Especialista em
Saúde Materna e Obstétrica

Vivência Afetivo-Sexual: Duplo Padrão Sexual

No campo da sexualidade humana, são identificadas assimetrias quanto ao sexo, definindo-se papéis, permissões e proibições para os homens (disponibilidade para o coito) e para as mulheres (seletividade prévia ao coito), que têm a sua base fundamental na seleção sexual proposta por Darwin em 1871 (Birier, 2002). São estas imagens sociais distintas sobre o que é sexualmente desejável no masculino e no feminino, que consubstanciam o constructo do duplo padrão sexual, que é definido como a interdição para a mulher e a permissão para o homem, de envolvimento pré-matrimoniais sexuais (Milhausen e Herold, 1999; Marques, 2011) e que no presente trabalho desejamos investigar. Sabe-se contudo que além do género, outros fatores, tais como a idade, são normativos quanto a atitudes e comportamentos sexualizados.

A presente investigação abrangeu um grupo de jovens de idades entre os 14 e os 19 anos. A escala *Double Standard Scale* (DSS), utilizada no estudo descritivo de natureza quantitativa procurou identificar alguns comportamentos sexuais dos adolescentes e caracterizar as suas tendências quanto ao Duplo Padrão Sexual.

Identificou-se um Duplo Padrão Sexual liberal, mais sublinhado nas raparigas, não influenciado pela idade ao considerar o total dos sujeitos mas no subgrupo das raparigas encontramos um Duplo Padrão Sexual mais tradicional à medida que progridem na idade. Conclusões: O estudo possibilitou aprofundar informações sobre o Duplo Padrão Sexual e espera contribuir para a reflexão acerca da vivência afetivo-sexual e da construção das conceções sobre o masculino e o feminino, os estereótipos que definem a perceção individual do enquadramento em categorias sociais de pertença sexual.

Palavras-chave: Sexualidade; duplo padrão sexual; género

Abstract

Experience Affective-Sexual: Sexual Double Standard

In the field of human sexuality, asymmetries are identified as to sex, defining roles, permissions and prohibitions for men (Availability for intercourse) and women (selectivity prior to intercourse), which have their footing in sexual selection proposed by Darwin in 1871 (Birier, 2002). These are distinct social images about what is sexually

desirable in male and female, who embody the construct of the sexual double standard, which is defined as the ban for woman and permission for man, of premarital sexual involvements (Milhausen and Herold, 1999; Marques, 2011) and in this work we wish to investigate. It is known however that in addition to gender, other factors, such as age, are normative as sexualized attitudes and behaviors. This investigation included a group of young people aged between 14 and 19 years. The Double Standard Scale (DSS) used in the descriptive study of quantitative nature sought to identify some sexual behaviors of adolescents and characterize their trends as the Sexual Double Standard. A liberal Sexual Double Standard was identified, more emphasis on girls, not influenced by age in considering the total number of subjects but in the subgroup of girls we found a more traditional Sexual Double Standard as they progress in age. The study allowed for further information about the Sexual Double Standard and is expected to contribute to the reflection on the affective-sexual experience and the construction of conceptions about the male and the female, the stereotypes that define the individual perception of the environment in social categories of sexual belonging.

Keywords: Sexuality; sexual double standard; gender

Vivência afetivo-sexual

No desenvolvimento psicossocial do ser humano, a sexualidade, especificamente o relacionamento afetivo, é de primordial importância. A sexualidade reporta-se ao género, relacionamento amoroso, desejo e prazer, reprodução, entre outros, interferindo no equilíbrio bio-psico-social. A adolescência é a fase que se caracteriza por uma série de alterações biológicas, sociais e familiares que geram características, comportamentos e necessidades únicas. A par das mudanças físicas, surge todo um manancial de transformações psicológica. Em termos psicológicos a adolescência é o período de extensa reorganização da personalidade que resulta de mudanças no *status* biossocial entre a infância e a idade adulta.

A vivência da sexualidade na adolescência é algo dominante tanto na perspectiva de descoberta de si como na perspectiva da descoberta do outro (Guiddens, 2008), traduzindo-se em vários comportamentos como por exemplo o auto-erotismo, o *petting* e o coito. As práticas de auto-erotismo e a menor utilização deste comportamento no género feminino, são documentados em estudos de autores conforme refere Zapian (1993).

A escola, os pares e a família são os grandes intervenientes na construção da personalidade dos jovens e conseqüentemente da prevalência de atitudes amadurecidas, apresentam-se com agentes fundamentais na transmissão da visão da sexualidade masculina face à feminina. É na adolescência que os padrões sexuais são revistos, existindo em simultâneo rejeição de alguns modelos, adesão a outros e abertura a novas perspectivas, num processo de integração de uma imagem sexualizada de si. Nessa imagem sexualizada de si marca lugar, como influenciador significativo, o grupo de pares, onde há comunicação e onde se estabelecem normas de interação (Bion citado por Fabião, 1998). É aqui que se encontram os parceiros com os quais se trocam experiências, de maior ou menor intimidade, que se enraízam nas concepções dos padrões masculinos-femininos e que porventura determinam a adesão a padrões sexuais.

A diferença sexual entre homens e mulheres patenteada na existência do Duplo Padrão Sexual (DPS) diminuiu nos anos 70/80 do século passado mas continua a ser uma realidade, embora se viva atualmente uma fase de mudança de uma cultura mais restritiva para uma cultura mais permissiva (Zangão & Sim-Sim, 2011).

Nos anos 60 do século passado vários estudos constataram a existência de um desajuste entre a sexualidade masculina e feminina, salientando-se nesta fase os estudos de Reiss (1956, 1961). Esta diferença fez surgir o conceito de Duplo Padrão Sexual, referida anos mais tarde por Baumeister & Twenge (2002), como uma discriminação baseada no género, criando normativas desiguais quanto à expressão da sexualidade (Kreager & Staff, 2009; Reiss, 2001). A aceitação do sexo pré conjugal como não errado para ambos os sexos, aumenta dos anos setenta para os anos oitenta (Greeley, 1991; Ogden, 1999) manifestado através de atitudes menos tradicionalistas. Contudo estudos demonstram que o Duplo Padrão Sexual se manteve presente ao longo dos anos (Milhausen & Herold, 1999; Reiss, 2001), prevalecendo as atitudes de um Duplo Padrão Sexual esbatido com tendência para não tradicionalista (Frias, 2006; Frias 2014; Zangão & Sim-Sim, 2011). Na medida em que os padrões sexuais adultos estão radicados nas vivências anteriores e são de transmissão geracional (Capellà, 1998) será oportuno abordar a construção dos padrões sexuais contextualizados na adolescência.

Além dos fatores relacionados com a maturação do corpo, outros aspetos vão levar o adolescente a desenvolver-se e a ganhar autonomia, A educação sexual tem aqui um papel influente. Os modelos masculino-feminino oferecidos até então pelas figuras parentais são rememorados, questionados, num crescendo de alternativas possíveis (Capellà, 1998; Lopez & Fuertes, 1999). A sexualidade transforma-se e transforma o Ser Humano.

Estabelecem-se nas culturas padrões esperados, que facilitam ou dificultam atitudes, que definem e controlam comportamentos, ou seja, que regulamentam o “ser-se” humano, como que promovendo a justaposição do auto-reconhecimento no homem que é simultaneamente social e privado, porém com diferenças quanto ao gênero e idade (Capellà, 1998; Guiddens, 2008).

Metodologia

A presente investigação foi de natureza quantitativa e de carácter exploratório. Optamos por uma amostra de conveniência. Sem nos prendermos a um limite de idade, preferimos usar a noção de que o adolescente, a partir do 9.º ano de escolaridade, define a sua própria vida no âmbito da perspectiva ocupacional (opção por área de estudos ou trabalho), e que detém as bases para afirmar as suas opiniões e as suas opções relativas aos comportamentos sexualizados.

Tendo em conta as características do estudo, optamos pela aplicação, em sala de aula, de um questionário de autopreenchimento onde se solicitaram dados gerais sobre os sujeitos, quer do ponto de vista sociodemográfico, quer de experiências sexualmente conotadas e onde se utilizou a escala *Double Standard Scale* (DSS) para caracterizar as suas tendências quanto ao Duplo Padrão Sexual. As pontuações podem variar entre 10 e 50 pontos e uma pontuação mais baixa indica uma maior adesão ao padrão sexual tradicional. Esta escala foi construída por Caron et al. em 1993 e já foi utilizada em vários estudos no nosso país (Frias, 2006, 2014; Zangão & Sim-Sim, 2011).

Foi utilizado o programa SPSS-20 para o Windows (*Statistic Package the Social Sciences*)© na análise estatística dos dados colhidos. A introdução da informação em base de dados informática decorreu até finais de Março de 2014. Na análise descritiva foram usadas medidas de tendência central (média, moda, mediana) e medidas de dispersão (desvio padrão e amplitudes de variação) e na estatística analítica aplicando testes de análise de variância.

A presente investigação teve por objetivos:

- 1) Identificar alguns comportamentos sexuais dos adolescentes e caracterizar as suas tendências quanto ao Duplo Padrão Sexual e;
- 2) Propôs-se, com base na revisão de literatura, testar as seguintes hipóteses:
 - Os participantes do estudo tendem para um Duplo Padrão Sexual mais liberal;
 - Existem variações do Duplo Padrão Sexual de acordo com o sexo e idade:

- Os mais jovens manifestam uma menor adesão ao Duplo Padrão Sexual relativamente aos sujeitos mais velhos;
- Os rapazes são mais liberais do que as raparigas.

Resultados e Discussão

Estudou-se, no período de outubro de 2013 a fevereiro de 2014, uma amostra de 424 jovens, com idades compreendidas entre os 14 e os 19 anos, de 4 escolas do ensino básico e secundário, localizadas na região do Alentejo, Portugal. Observou-se na Figura 1, no imediato, que a frequência da escolarização obrigatória evidencia uma maior representação feminina (62.26%) do que masculina (37.74%), facto que concorre para a ideia de feminização do ensino, ideia encontrada em níveis académicos superiores conforme os estudos de Joaquim (1999) e de Rosa, (2011). A maior representação da população feminina é um facto encontrado em alguns dos estudos consultados, nomeadamente em Santos (1999) e Priori, (2004). Tais resultados poderão também ser interpretados à luz da relação de masculinidade dos nascimentos, relação essa que tende a inverter-se com o passar do tempo por razões de sobrevivência masculina.

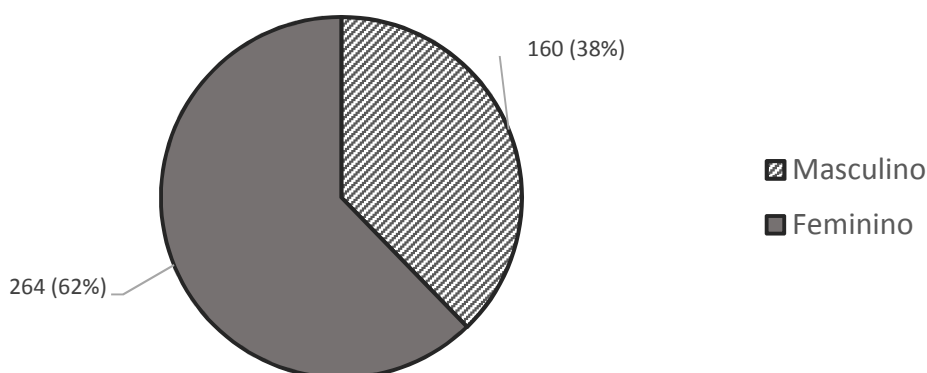


Figura 1. Gráfico Circular de Distribuição dos Sujeitos por Género

Os participantes, com média de idades de 15.54 (d.p.=1.05) [Figura 2], enquadravam-se numa fase particular da vida, a adolescência. Não se verificaram diferenças significativas na idade relativamente ao sexo dos sujeitos ($t=424$; $gl=351$; $p=.232$).

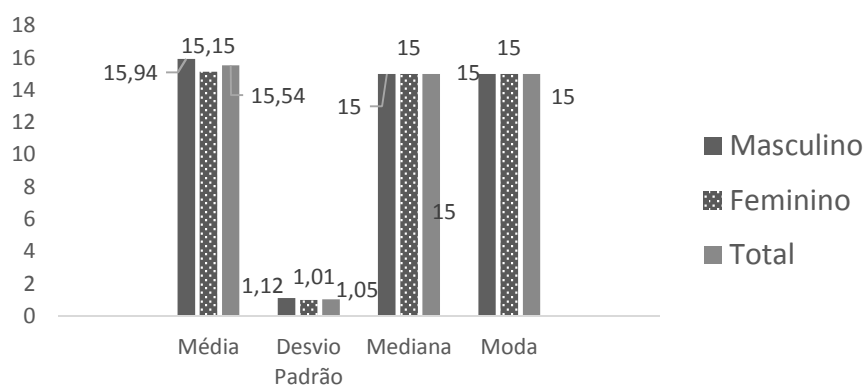


Figura 2. Estatísticas Descritivas da Idade por Género

Caracterizaram-se os sujeitos relativamente a alguns aspetos da vivência da sexualidade [Figura 3]: O recurso preferencial dos sujeitos para obterem informação sobre sexualidade são os amigos da mesma idade (35.14%), não apresentando diferença significativa relativamente aos rapazes e raparigas. Tais resultados confirmam os dados de outros estudos (Braconier & Marcelli, 2000; Frias, 2006; Lopez & Fuertes, 1999; Lopez & Oroz, 1999). O recurso a outros agentes educativos sobre temáticas da sexualidade é contemplado na família, sendo a mãe figura mais representativa (16.98%) comparativamente ao pai (9.43%). Dados semelhantes são encontrados, em 2006, na investigação da autora (Frias, 2006) e confirmam a ideia de Almeida (1987) que refere a figura materna como a mais procurada nas questões da intimidade e dos sentimentos. Nos resultados encontrados, um aspeto curioso e preocupante é a representação dos adolescentes (56) que afirmam não ter agentes de informação (13.21%), ou seja, não identificam qualquer pessoa-recurso para a aprendizagem da sexualidade. Neste grupo, são mais representativos os rapazes (73.21%), facto que remete para uma interpretação algo conservadora quanto à sexualidade. Ou seja, poderá ser interpretado como uma preocupação mais marcada nos rapazes de exhibir que dominam as temáticas relativas ao sexo. Estes resultados terão interpretações variadas, na medida em que também se pode supor que os rapazes têm menos “à-vontade “ para as temáticas de âmbito sexual e emocional.

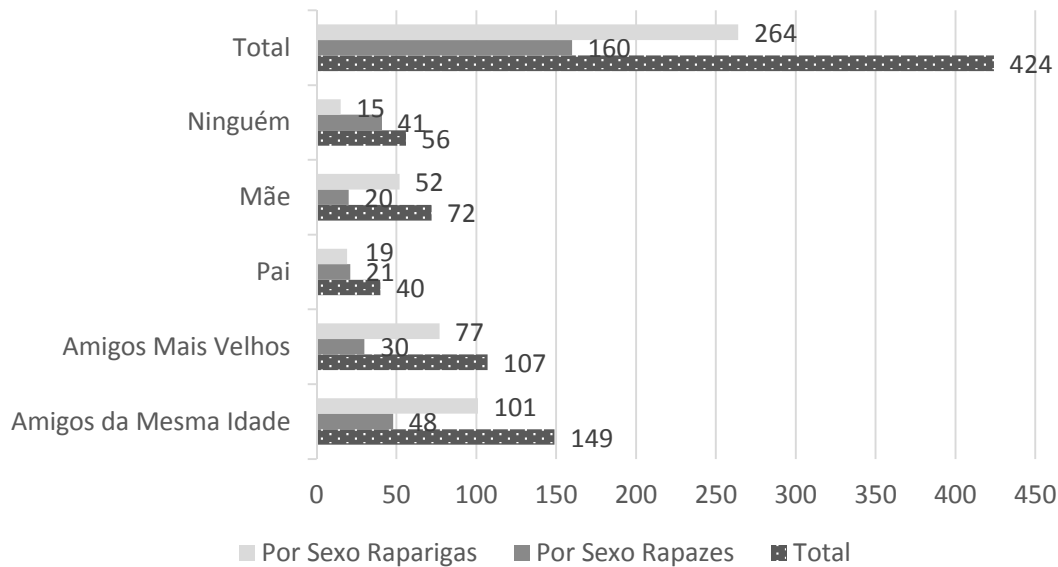


Figura 3. Gráfico de Recursos para Informação sobre Sexualidade

Relativamente à caracterização dos sujeitos quanto a práticas que envolvem expressões da sexualidade tais como: práticas de carícias íntimas, o chamado *petting*, auto erotismo, experiências de coito, verificou-se que o grupo estudado apresenta alguma experiência sexual.

Contrariando a maneira de estar tradicionalista que proscree a masturbação, identificando-a com riscos morais, religiosos, físicos, intelectuais (Almeida, 1987), Zapian (1993) e Saavedra, Nogueira, & Magalhães (2010), encontram no autoerotismo fatores favorecedores do desenvolvimento adolescente, na medida em que é uma forma de aprendizagem sobre o próprio corpo. Ou seja, o autor (Almeida, 1987) referencia a culpa associada ao comportamento autoerótico, culpa esta ainda muito presente na cultura, como fator de entrave ao desenvolvimento psicosexual. A masturbação é contudo uma prática onde se observam diferenças de acordo com o sexo ($U(424)=1899$; $Z=-13.56$; $p<.05$), pois a frequência da sua utilização é mais elevada nos rapazes do que nas raparigas corroborando os estudos de Aberastury (1990); Frias (2006) e de López e Fuertes (1999).

Braconnier e Marcelli (2000) dizem-nos que aproximadamente 90% dos rapazes e 40% das raparigas se masturbam durante a adolescência, percentagens que se aproximam aos nossos resultados no caso dos rapazes (88.8%) mas que são muito elevadas comparativamente aos resultados das raparigas (11.2%). Poderemos então supor que, dado o contexto eco-cultural tradicional que perpassa nesta cidade de província, poderá

haver alguma dificuldade das raparigas no toque íntimo ou no autorreconhecimento de práticas masturbatórias. Relativamente à idade mostra o estudo atual que o facto é negado pelos adolescentes mais novos (grupo dos 14 anos), é usado por mais de metade dos participantes na faixa dos 18-19 anos e é usado em percentagens ligeiramente abaixo dos 50% nos grupos etários entre os 14 e os 17 anos.

Relativamente ao *petting*, [tabela 1] que é utilizado pela maioria dos participantes (60.37%), os resultados encontrados refletem a perspetiva de Braconnier e Marcelli (2000) quando os autores afirmam que é cerca dos 15 anos que as primeiras carícias surgem entre os parceiros sexuais. Reconhecem-se no *petting* características de primeiras experiências hetero-eróticas, uma boa forma de progressão sexualizada que permite a gratificação sexual corpórea e simultaneamente a expressão de sentimentos amorosos (Saavedra, Nogueira, & Magalhães (2010); Zapian, 1993). Considerando o sexo dos participantes, há diferenças significativas ($U(424)= 8012$; $Z=-4.12$; $p=.000$) destas práticas, pois os rapazes utilizaram-nas em 80, 23% dos seus encontros (algumas e muitas vezes), enquanto as raparigas o fizeram, nas mesmas categorias 64, 43%. O coito é, no estudo atual, uma prática pouco representativa, uma vez que 75.47% dos participantes negam ter tido relações sexuais [Tabela 1]. Estes resultados apontam para uma experiência sexual inferior aos dados nacionais referidos por Vasconcelos (1998), pois o estudo atual mostra que 24.53% dos sujeitos tiveram experiência de coito. No estudo anteriormente mencionado tal verifica-se para 24.8%. Resultados semelhantes encontram-se nos estudos de Alves, Fernandes, Nunes e Vasconcelos, (1998) que mostram 25% de experiências de coito no grupo de jovens com 15 a 17 anos. Não se confirmam, no nosso estudo, diferenças de género quanto a frequência de coito, como é observado nos estudos de Alves et al. (1998). Estudos recentes em ambos os sexos revelam que, depois dos 16 anos, quase metade dos adolescentes têm relações de coito, verificando-se que a partir do ano de 1972, a idade média da primeira relação regrediu passando dos 19 para os 15 anos nos rapazes e dos 21 para os 17 nas raparigas, justificando Hamilton e Elizabeth (2009) esta evolução pela liberdade sexual e modificação dos valores tradicionais da família. O comportamento sexual dos adolescentes mudou nas últimas décadas e os fatores que interferem neste comportamento são culturais, familiares, religiosos e socioeconómicos (Saavedra, Nogueira, & Magalhães, 2010). Quanto ao coito, nos sexualmente ativos, não há diferenças significativas relativamente ao sexo dos sujeitos ($U(104)=10650.5$; $Z=-.233$; $p=.816$).

Tabela 1. Práticas Sexualizadas

	<i>Petting</i> %	Relações Sexuais %	Auto-erotismo %
Nunca	39,62	75.47	52.12
Algumas vezes	48.11	15.09	28.54
Muitas vezes	12.26	9.44	19.34
<i>Missing</i>	-	-	-

Para trabalhar a variável Duplo Padrão com rigor, na nossa amostra, foi necessário assegurarmo-nos que a medida desta variável era consistente, facto que nos levou a apreciar o valor do α de *Cronbach* e a fazer paralelismo com estudos de autores que tivessem aplicado este instrumento de colheita de dados. A DSS tem uma boa fiabilidade, avaliada pelos autores Caron, Halteman, Davis e Stickle (1993) numa amostra de 330 estudantes universitários, revelando-se um *alpha de Cronbach* de .72. No estudo de Frias (2006) observou-se que o α de Cronbach para 297 sujeitos foi de .76, aproximado ao α de Cronbach encontrado por Caron, et al., (1993).

Para um *score* total, da escala DSS, entre 10 e 50 pontos, a estatística descritiva mostra que sujeitos atuais tendem para a padrões não tradicionalistas, com uma média nos participantes de 36.78 (*d.p.*=6.4). Porém, existem diferenças significativas entre rapazes e raparigas ($F(1,420)=12.2$; $p<.05$), pois verificou-se uma média mais elevada ($M=38,16$) nos estudantes do sexo feminino e por isso mais liberais que os do sexo masculino que têm uma média mais baixa ($M=35,41$), como se observa na Figura 4.

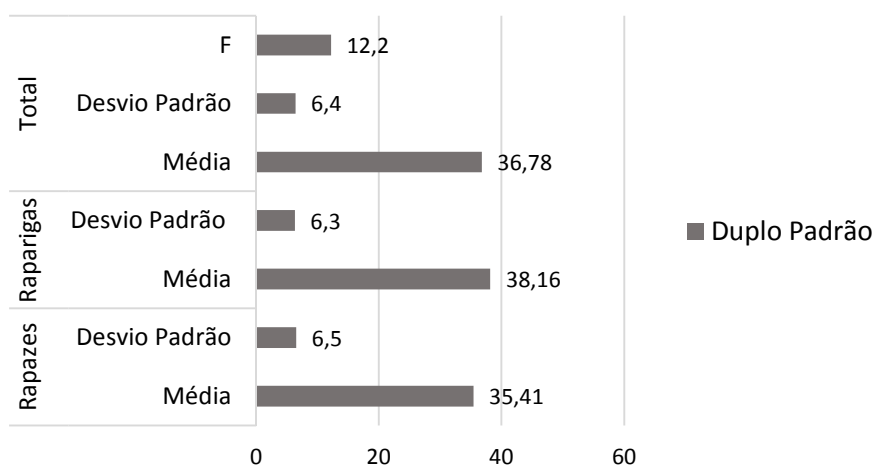


Figura 4. Gráfico de Barras da Análise de Variância One-Way Anova da Diferença de Médias da Escala DSS em Relação ao Sexo dos Sujeitos

Por outro lado, no estudo atual não se observou associação significativa entre a idade e o nível do duplo padrão, quando se considerou a amostra no seu total ($r=-.104$; $N=424$; $p=.058$), facto que foi invertido quando se restringiu a análise aos adolescentes sexualmente ativos. Ou seja, nestes participantes existia associação entre a idade e o duplo padrão tendendo a mostrar-se mais liberais à medida que progrediam na idade. Resultados não confirmados nos estudos dos anos 60 do século passado de Reiss (1961) mas verificado nos estudos de Frias (2006, 2014), Ramos Carvalho e Leal, (2005) e Zangão e Sim-Sim (2011).

Um outro aspeto muito curioso é o facto de nas raparigas sexualmente ativas observa-se que, à medida que crescem em idade, tendem a ser mais conservadoras no que respeita ao duplo padrão. Dados que vão ao encontro das ideias de Hamilton e Elizabeth (2009). Assim, no caso das raparigas, a maior ou menor liberalidade para enfrentar o duplo padrão parece estar mesclada não só pela idade mas também pela existência de relacionamento afetivo-sexual, reproduzindo a ideia da Teoria da Seleção Sexual nos que respeita a papéis masculinos e femininos na continuidade da espécie (Alves, 2006). Quanto aos rapazes não se verificou associação entre as duas variáveis ($r=-.012$; $N= 160$; $p=.834$).

Podemos afirmar, quanto à formulação das hipótese, que estas se confirmam no que diz respeito ao esbatimento do duplo padrão mas não se verificou que as raparigas eram mais tradicionalistas, resultados que vão ao encontro dos estudos de Kelly e Bazzini (2001) e de Sierra, Rojas, Ortega e Ortiz, (2010). Quanto à menor permissividade nos indivíduos mais novos não se verifica na amostra total do estudo, situação verificada ao analisar a idade no género, pois as raparigas mais velhas mostram-se mais tradicionais, resultados que não corroboram os estudos de Sprecher (1989) nem de Sprecher e McKinney (1993) mas corroboram os dados de estudos portugueses (Frias, 2014; Ramos Carvalho e Leal, (2005) e Zangão e Sim-Sim (2011).

Considerações finais

Em Portugal, os estudos científicos sobre sexualidade e Duplo Padrão Sexual são escassos. Estas questões sobre sexualidade e diversidade sexual são ainda difíceis de abordar. Ficam muitas vezes no silêncio, embora cada vez mais sejam abordadas no campo da saúde sexual e reprodutiva.

O Duplo Padrão consiste na variação de aprovação social, face a relações sexuais pré-conjugais, de acordo com o sexo. Ou seja, na interdição para o indivíduo do sexo feminino

e na permissão para o indivíduo do sexo masculino de relacionamentos sexuais anteriores ao compromisso socialmente instituído pelo casamento (Milhausen & Herold, 2001).

Contudo o legado cultural dos papéis masculino-feminino e os modelos próximos, mais ou menos conservadores, de figuras parentais podem ser influenciadores das pessoas que estão por ora a construir a sua própria postura face à sexualidade (Ramos, Carvalho & Leal, 2005).

Assim face ao trabalho desenvolvido, onde foram questionados 424 adolescentes que rondam os 14 a 19 anos, que tinham como agentes de informação, preferencial, sobre a sexualidade os amigos, tendo a maior parte relacionamentos de namoro e sendo uma minoria sexualmente ativos, encontramos as seguintes conclusões que passamos a enunciar:

Tendem os sujeitos, no seu total, para atitudes liberais quanto aos padrões sociais sexuais masculino-feminino, mostrando as raparigas um padrão menos tradicionalista. Observou-se que a idade não é um fator influenciador do duplo padrão na medida em que não há correlação entre estas variáveis. Porém, ao considerar os sujeitos sexualmente ativos, observou-se que as raparigas se manifestam como mais tradicionalistas, sugerindo que o início do relacionamento sexual é um marco de definição dos papéis sexuais socialmente esperados.

O estudo possibilitou aprofundar informações sobre o Duplo Padrão Sexual e espera-se contribuir para a reflexão acerca da vivência afetivo-sexual e da construção das conceções sobre o masculino e o feminino. Identificar temáticas para discussão acerca das diferenças/semelhança entre homens e mulheres e a realização de atividades dirigidas para a mudança de atitudes e comportamentos dos jovens é o objetivo futuro deste estudo.

Referências

Aberastury, (1990). Adolescência. Porto Alegre: Artes Médicas

Alferes, V. (1997). Encenações e comportamentos sexuais: para uma psicologia social da sexualidade. Porto: Afrontamentos.

Almeida, J. (1987). Adolescência e maternidade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Alves, N. Fernandes, A., Nunes, J., & Vasconcelos, P. (1998). Jovens portugueses de hoje (Cabral, M. & Pais, J. coords.): Lisboa: Celta

Alves, M. (2006). Representações sociais e sexualidade: duplo padrão sexual ou padrão sexual de género? *Psychologica*, 41, 25-43.

- Braconier A & Marcelli, D. (2000). *As mil fases da adolescência*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Baumeister, R. & Twenge, J. (2002) – Cultural suppression of female sexuality. *Review of General Psychology*, 6, 2 166-203.
- Birier, F. (2002). Comportamiento animal y sexualidad humana. Universidad de Valência. Retirado da World Wid Web em 11 de março de 2014. <http://www.naturamuseo.org/actividades/confe.1.htm>
- Capellà, A. (1998). *Sexualidades Humanas, Amor e Loucura – Conferências de Psicanálise*. Lisboa: Climepsi;
- Caron, S., Davis, C., Halteman, W. & Stickle, M. (1993). Double standart scale. In C. Davis & W. Yarber & R. Bauserman & G. Schreer & S. Davis (Eds.) *Handbook of sexuality-related measures*. California: Sage Publications.
- Fabião, E. (1998). Adolescentes, pares e família. Que cumplicidade? *Acta Pediátrica Portuguesa*, 29 (1).
- Frias, A. (2006). Crescer Aqui! - O Duplo Padrão Sexual. *Revista Enfermagem e Sociedade*, 1, 17-24.
- Frias, A. (2014). Sexual double standard and contraception in adolescents. *International journal of developmental and educational psychology*, 1(1), 359-368. ISSN: 0214-9877;
- Guiddens, A. (2008). *Sociologia*. 6.ªed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Hamilton L, & Elizabeth A. (2009). Gendered Sexuality in Young Adulthood: Double Binds and Flawed Options. *Gender & Society*. 23: 589-617.
- Joaquim, T. (1999). Panorama geral da situação das mulheres em Portugal nos últimos 25 anos. In Direcção Geral de Saúde. *A saúde da mulher*. Lisboa: Ministério da Saúde
- Kelly, J. & Bazzini, D. (2001). Gender, sexual experience, and the sexual double standard: Evaluations of female contraceptive behavior. *Sex Roles: A Journal of Research*. 2001; 45: 785-799.
- Kreager, D. & Staff, J. (2009). The Sexual Double Standard and Adolescent Peer Acceptance. *Social PsychologY Quarterly*. Jun; 72:143-64.
- Lopez, F. & Fuertes, A (1999). *Para compreender a sexualidade*. (A M. Marques e L. Silva, Trad.). Associação para o Planeamento da Família: Lisboa. (obra original publicada em 1989).
- Lopez, F. & Oroz, A. (1999). *Para compreender a vida sexual del adolescente*. Estella (Navarra): Editorial Verbo Divino.

- Milhausen, R. & Herold, E. (1999) – Does the sexual double standart still exist ? Perceptions of university women. *The Journal of Sex Research*, 36, 4 361-368.
- Milhausen, R. & Herold, S. (2001). Reconceptualizing the sexual double standard. *Journal of Psychology and Human Sexuality*,13(2), 63-83.
- Ogden, J. (1999) – *Psicologia da saúde*. (C. Patrocínio e F. Andersen, Trad.). Lisboa: Climepsi.
- Ramos, V., Carvalho, C. & Leal, I. (2005). Atitudes e Comportamentos Sexuais de Mulheres Universitárias: A Hipótese do Duplo Padrão Sexual. *Análise Psicológica* 23(2):173-186. Consultado em Outubro 2012. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v23n2/v23n2a08.pdf>
- Reiss I (1956). The Double Standard in Premarital Sexual Intercourse. *A Neglected Concept, Social Force*. Mar; 34:224-230.
- Reiss I. (1961). Standards of Sexual Behavior. “In” Albert. Ellis and Albert Abarbanel (eds.). *The Encyclopedia of Sexual Behavior*. Hawthorn. 2:996-1004.
- Reiss, I. (2001). Sexual attitudes and behavior. In: Smelser, N.J.; Baltes, P.B. (Ed.). *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences*. New York: Elsevier.
- Rosa, R. (2011). Feminização do Magistério: Representações e Espaço Docente, *Revista Pandora Brasil*. Cultura e materialidade escolar, ed. Especial (4).
- Saavedra, L., Nogueira, C. & Magalhães, S. (2010). Discursos de jovens adolescentes portugueses sobre sexualidade e amor: implicações para a educação sexual. *Educ Soc*]. Jan/Mar. 31(11):135-56. Consultado em Janeiro de 2014. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>.
- Santos, J. (1999). Preocupação dos adolescentes e algumas práticas dos seus estilos de vida. *Revista Portuguesa de Saúde Pública* 172. pp 27-41.
- Sierra, J., Rojas, A., Ortega, V. & Ortiz, J. (2010). Evaluación de actitudes sexuales machistas en universitarios: primeros datos psicométricos de las versiones españolas de la Double Standard Scale (DSS) y de la Rape Supportive Attitude Scales (RSAS). *International Journal of Psychology and Psychological Therapy* .April. 7(1):41-60. Consultado em Maio 2014. Disponível em: <http://www.ijpsy.com/volumen7/num1/157.html>.
- Sprecher, S. (1989). Premarital sexual standarts for different categories of individuals. *The Journal of Sex Research*, 26,2 232-248.
- Sprecher, S. & Mckinney, K. (1993). *Sexuality*. Newbury Park: Sage Publications.

- Williams J. (2009). Manual de Ética Médica. 2.^a (ed.) Francia: Asociación Médica Mundial. Consultado em Outubro em 2012 Jul. Disponível em: http://www.wma.net/es/30publications/30ethicsmanual/pdf/ethics_manual_es.pdf.
- Vasconcelos, P. (1998). Práticas e discursos da conjugalidade e da sexualidade dos jovens portugueses. In Cabral M. & Pais, J. (Coords.) Jovens portugueses de hoje: Resultados do inquérito de 1997. Secretaria de Estado da Juventude. (p 215-305). Oeiras: Celta Editora.
- Zapian, J. (1993). Riesgo de embarazo no deseado en la adolescencia y juventud. Vitoria-Gasteiz: Instituto Vasco de la Mujer.
- Zangão, O. & Sim-Sim, M. (2011). Duplo Padrão Sexual e Comportamentos Afetivo-Sexuais na Adolescência. Revista de Enfermagem UFPE On Line [Reuol] – Qualis Capes B2] [ISSN: 1981-8963 – DOI: 10.5205/1718-11976-4], v. 5(esp), Março/Abril: 328-335.